

## Sociedade Os imigrantes serão já entre os 800 e 900 mil, diz sociólogo

# “Apanhámos um susto com os dados dos censos. Sem imigração o país já não sobrevive”

**Pedro Góis** Benefícios fiscais a reformados estrangeiros não casam com penalização fiscal da mão-de-obra imigrante, e falta de obstetras e operários poderia ter sido evitada, considera

### Entrevista

**Natália Faria** Texto

**Paulo Pimenta** Fotografia

Nem 542 mil, como diz o INE, nem 698 mil como alega o SEF: os imigrantes em Portugal serão já entre os 800 e os 900 mil, segundo Pedro Góis, professor de Sociologia das Migrações na Universidade de Coimbra (UC). Numa altura em que se tornou evidente que alguns sectores económicos colapsariam sem a mão-de-obra imigrante (cujas contribuições para a Segurança Social ultrapassaram os 1200 milhões de euros em 2021), o investigador diz que a falta de obstetras e de operários no Vale do Ave atesta a urgência de um diagnóstico prospectivo para estabelecer o perfil de imigrantes que queremos. Góis aponta ainda necessidade de um plano estratégico para as migrações, também porque Portugal não pode dar-se ao luxo de ver repetida a sangria demográfica que marcou a última crise. O investigador explica ainda porque é fundamental promover o reagrupamento familiar dos provenientes do Sudoeste Asiático, bem como a sua participação política.

#### Como traçaria o retrato-robô do imigrante actual em Portugal?

Se compararmos com o retrato dos censos de há dez anos, houve um salto gigante na diversidade, na quantidade, na dispersão em território nacional. O retrato que fazíamos de alguém que vinha de um país da comunidade de língua portuguesa e que vivia na região metropolitana de Lisboa ou no Algarve desapareceu. Hoje, os números mostram-nos uma nova realidade. Há uma “etnização” de algumas nacionalidades que estão um pouco presas dentro de um conjunto muito limitado de profissões, como os guineenses, os

nepaleses, os chineses, e depois há populações tão grandes como a brasileira que contêm de tudo um pouco: são quase um pequeno Brasil em Portugal, com desigualdade de rendimentos, presença em diferentes tipos de empregos e até nos grupos etários, desde crianças até aos mais idosos. **Os censos falam-nos em 542 mil estrangeiros a residir em Portugal e o Observatório aponta 698 mil. Há uma diferença substancial.**

E, infelizmente, acho que nem um nem outro conseguiram apanhar a totalidade dos estrangeiros residentes. Mesmo os dados administrativos do SEF, que apontam para um número bastante superior aos dos censos, que se baseiam no inquérito à população, só apanham aqueles que já estão regularizados. Eu acho que já superámos os 800 mil estrangeiros. A secretária de Estado referiu-se no Parlamento aos mais de 900 mil estrangeiros vacinados contra a covid-19. Se as pessoas foram vacinadas é porque estavam presentes no território nacional e não seriam turistas – se o fossem, regressariam aos seus países e fariam o processo de vacinação lá. Portanto, será um



**“Talvez os projectos de alojamento local tenham provocado uma maior disrupção nos mercados locais de habitação do que os ‘vistos gold’**

número algures entre os 800 e muitos e os 900 mil.

#### Os brasileiros e os asiáticos vêm para ficar?

Uns e outros são, na sua maioria, migrantes económicos, ou seja, vêm trabalhar a troco de um rendimento superior ao que conseguiriam no seu país. Logo, irão ficar algum tempo. Quanto? Depende do mercado de trabalho e da forma como as suas carreiras e remuneração forem evoluindo. No imediato, eles querem ficar, até porque não têm alternativa. Desde logo, não conseguem muito facilmente mover-se para um terceiro país, porque não têm uma residência permanente em Portugal há mais de cinco anos ou porque não lhes foi concedido um visto que o permita. Portanto, à partida, ficarão no médio e longo prazo. Mas, na verdade, também pensávamos isso quando chegaram os ucranianos e depois, com os primeiros sinais de crise económica em Portugal e de abertura da economia dos países da vizinhança da Ucrânia, designadamente a Polónia, muitos foram-se embora. Portanto, é difícil fazer prognósticos. No caso da população brasileira, haverá maior rotação. No caso do Sudoeste Asiático, será uma migração mais permanente por falta de alternativas.

#### Feita a leitura cruzada dos diferentes relatórios divulgados na semana passada, que leitura faz da realidade migratória?

Apanha-se um susto quando se constata que a perda de população total em Portugal foi muito mais rápida do que aquilo que os demógrafos projectaram. Pensava-se que a partir de 2050 pudessemos ser menos de oito milhões, eventualmente a população diminuirá para esse valor antes disso. Isto apela à necessidade de termos uma política demográfica integral: para



os que saíram e queremos que regressem, para aqueles que queremos que venham viver para Portugal e para desincentivar os que cá estão de sair. Os dados dos censos mostram-nos que, sem imigração, o país já não sobrevive, e, portanto, não podemos voltar a ter uma vaga como a que tivemos há dez anos, com a saída de quase cem mil pessoas por ano durante vários anos, sobretudo jovens, muitos deles qualificados. Isso não pode voltar a acontecer. Em segundo lugar, surpreendeu-me a dispersão dos imigrantes pelo território nacional. As políticas das instituições estão montadas muito em redor de Lisboa, um pouco do Algarve e ainda menos do Porto, mas têm mesmo de passar a ser políticas nacionais. E isso não está a acontecer. Penso que precisamos de ter um plano estratégico para as migrações e depois, embora isto possa parecer um bocadinho reaccionário, temos de agir em vez de reagir. Não podemos aceitar os imigrantes todos que queiram vir para Portugal, temos de fazer uma selecção dos imigrantes que a sociedade e a economia portuguesa podem acolher e de que necessitam para o seu desenvolvimento.

#### E qual é o perfil? Estava a pensar nos reformados estrangeiros que

#### vêm à procura de um clima e de um nível de vida que não têm nos respectivos países, e, por outro lado, nos que provêm do Sudoeste Asiático e que acabam a ser explorados no Alentejo.

Precisamos de pessoas com menos qualificações e com mais qualificações. Precisamos dos mais jovens e também não devemos rejeitar os mais velhos. Ou seja, precisamos de todos. O que não podemos é continuar a conceder benefícios fiscais aos mais velhos que vêm para Portugal como inactivos e penalizar fiscalmente os que estão a chegar em idade jovem e activa. Temos de ter políticas mais dinâmicas de habitação, de educação, para que estas pessoas que vêm para Portugal sintam que o investimento numa habitação, ou na educação, os favorece individualmente e favorece depois a comunidade em que se inserem. Isso também ainda não existe, ou seja, as políticas educativas que tínhamos para os filhos dos imigrantes têm já alguns anos e não estão adaptadas à realidade actual. E a habitação é o que todos sabemos, sendo que, se os imigrantes são necessários em zonas onde não há habitação, temos de ter planos especiais para criar habitação nessas zonas, para que os imigrantes permaneçam onde são necessários.



### **O problema da habitação é transversal e em alguma medida decorre dos “vistos gold” que visavam atrair imigrantes.**

Neste caso o problema tem mais que ver com o custo do que com a disponibilidade de habitação. Não foram os “vistos gold” que impediram que houvesse habitação em Odemira, Beja, Porto ou em Lisboa. Eventualmente, algum tipo de habitação ficou mais cara e isso fez com que o custo de todas as outras habitações subisse, mas isso até deveria ser para o mercado um indicador para construir mais. Isso não aconteceu. E tem de acontecer. Talvez os projectos de alojamento local tenham provocado uma disrupção maior nos mercados locais de habitação do que os “vistos gold”.

### **Que balanço faz em termos de acolhimento dos imigrantes?**

**Estamos a conseguir incluí-los?** Também aí há uma segmentação muito grande. Digamos que os brasileiros, em muitos locais do país, são de fácil inserção, cosem-se com a população local muito rapidamente e desaparecem enquanto desafio de integração. Há outros, como os chineses, com cujas dificuldades de integração lidamos há décadas. E depois temos os que, sendo radicalmente diferentes da população

autóctone, têm grandes dificuldades de integração, como é o caso dos imigrantes do Sudoeste Asiático, em Odemira e Aljezur. Parece-me que aí seria importante, por exemplo, promover um eficaz reagrupamento familiar, já que a grande maioria dos trabalhadores são ainda homens sozinhos. A aceleração deste processo de agrupamento familiar pode ajudar a construir comunidades locais.

### **E que outras medidas?**

Podemos ter políticas para os seus filhos, ajudando-os na aprendizagem do português e a que tenham sucesso escolar e depois ajudando-os a prosseguir para outras fases de estudo, seja o ensino profissional ou técnico ou a universidade. Como? Criando vagas específicas para os filhos destes imigrantes. É um atractivo que nós temos capacidade de criar sem grande custo.

### **De que outros modos pode o país ser mais proactivo na captação do perfil de imigrantes que lhe faz falta?**

Em primeiro lugar, impunha-se um diagnóstico prospectivo para sabermos do que é que vamos necessitar nos próximos anos. Repare: descobrimos agora que necessitamos de obstetras, mas não teria sido muito difícil perceber, pelo perfil dos obstetras

portugueses, que isto iria acontecer. Contudo, não o conseguimos planear. Os nossos industriais do vale do Ave descobriram que necessitavam de operários para as suas fábricas têxteis e do calçado e que eles já não existem. Porquê? Porque o perfil do operário era alguém que tinha uma formação abaixo do 12.º ano e, com o prolongamento do ensino obrigatório, as pessoas já não estão interessadas em executar esse tipo de tarefas. Haverá outras profissões em que estes problemas estavam à vista de todos, mas não foram produzidas políticas que os permitissem colmatar. Feito este diagnóstico prospectivo, temos de, num segundo momento, adaptar a nossa política de vistos de procura de trabalho a estas mesmas realidades. Não defendo um sistema de quotas, que normalmente não funciona, mas não podemos continuar a atrair um tipo de pessoas que depois não vão ter a capacidade de se integrar no nosso mercado de trabalho.

### **Quase 14% dos bebés nascidos em Portugal em 2021 eram de mães estrangeiras, apesar de os estrangeiros serem só 6,8% da população. Este contributo dos imigrantes não está a mascarar o problema da baixa natalidade em Portugal?**

Acho que temos aqui um biombo que não nos permite ver a verdadeira dimensão da queda da natalidade. E não esqueçamos que muitos destes nascidos cá tendem a não ficar em Portugal nas próximas décadas, mas a regressar com os pais aos países de origem ou a tornarem-se eles próprios emigrantes mais tarde. A grande vantagem face às décadas anteriores é que, como a nossa lei mudou, estes bebés, embora filhos de pais estrangeiros, tornam-se portugueses ao nascimento e desaparecem das nossas estatísticas de estrangeiros.

### **O que explica a boa percepção que a sociedade portuguesa tem dos imigrantes?**

Em primeiro lugar, por causa do contacto de proximidade com os imigrantes: quando conhecemos os estrangeiros que vivem perto de nós, temos mais facilidade de os incluir. E o facto de os vermos a trabalhar nos restaurantes, nos cafés, nos hotéis, nos serviços, nas obras contribui para isso. Depois, o maior número dos nossos imigrantes vem de um país com o qual temos muita proximidade cultural, como é o Brasil, a par dos vários países africanos de língua portuguesa. Quando a cultura é mais distante, como é o caso do Sudoeste Asiático, os desafios de integração aumentam.

### **Como acontece com os árabes em França?**

É o que se passa em França, embora muitos dos árabes de França sejam francófonos; os marroquinos, os argelinos, os tunisinos, todos eles constituem populações que falam francês, mas que, desde a descolonização, nunca foram integrados na sociedade francesa. Isto para além de em França terem sido cometidos erros, que espero que não cometamos cá, como a construção de bairros sociais das cidades suburbanas dedicados apenas a imigrantes. Isso foi-os afastando do centro da sociedade francesa e provocou um conflito de que hoje ainda temos ecos. Ainda assim, a selecção de futebol francesa é toda ela fruto da imigração. Nem tudo é negativo. Em Portugal, temos sido capazes de integrar os imigrantes, embora continuemos a ter muito pouca participação dos estrangeiros residentes na nossa vida política, nem como eleitos nem como eleitores. E a sua integração no nosso sistema político tem de acontecer muito rapidamente.

### **Sob risco de aumentarem as clivagens?**

Sob risco de as pessoas se sentirem à parte da decisão. Veja Odemira, onde 30% da população é estrangeira: se 30% da população não puder votar, podemos estar a assumir as dores de um grupo que, na verdade, não participa na vida local. E aí podemos ter fenómenos mais extremados a surgirem.

### **Os números mostram-nos que uma parte significativa dos trabalhadores estrangeiros exerce funções abaixo da sua qualificação...**

E isso não faz sentido. Há vinte anos tivemos um programa de reconhecimento de habilitações dos médicos, porque o número de médicos ucranianos que estavam a exercer outras profissões era muito grande. Hoje, temos novamente muitos médicos em Portugal, da Venezuela, dos países do Médio Oriente, do Brasil, que não são capazes de exercer cá a sua profissão. Isto não faz sentido. E não faz sentido também para os



**Estamos com vagas no mercado de trabalho a que os portugueses já não conseguem responder: canalizadores, electricistas, carpinteiros...**

engenheiros, para os professores... Temos de criar uma estrutura que nos permita ser ágeis no reconhecimento que essas pessoas merecem em termos profissionais. **Estando nós na antecâmara de uma crise, a imigração não vai rapidamente voltar a diminuir?** Nos últimos quatro meses, o desemprego tem vindo a subir. E isso é negativo. Mas o turismo, que gera muito emprego imediato, continua em crescendo, até porque muitos dos destinos turísticos alternativos não são neste momento alternativa. Ao mesmo tempo, o sector da construção civil não dá mostras de querer diminuir. E por isso vai continuar a haver emprego na construção civil nos próximos tempos, bem como na agricultura, onde algumas tarefas não são mecanizáveis. Acresce que os motoristas de pesados, por exemplo, estão em escassez pela Europa toda. Aliás, várias empresas de transporte portuguesas foram buscar motoristas a Cabo Verde, porque não estavam a conseguir recrutá-los no mercado nacional. Há também algumas áreas informáticas que recrutam tudo o que aparece no mercado. O que sabemos é que os migrantes são muito racionais. Se a crise económica se instalar, se eles ficarem desempregados, regressam ao país de origem, porque é muito caro estar desempregado em Portugal. Quando é que isso vai acontecer e com que dimensão? Não sabemos, porque com o envelhecimento demográfico estamos com vagas no mercado de trabalho a que a população portuguesa já não consegue responder: canalizadores, electricistas, técnicos de informática, empregados de limpeza, carpinteiros. Por outro lado, e sendo certo que nas plataformas não se ganha muito dinheiro, está a imaginar os estudantes portugueses a saírem do liceu ao final do dia e irem para as motas da Uber distribuir comida? Eu também não. Mas nós já não vivemos sem essa distribuição. Portanto, vamos continuar a alimentar esse mercado de trabalho com estrangeiros recém-chegados, que ficarão aí alguns meses e depois, quando encontrarem outra profissão, mudarão. E isso vai continuar a ser atractivo, porque mil euros por mês são cinco mil reais no Brasil, o que não é para todos. Nós estamos aqui presos entre uma Europa que paga muito melhor do que Portugal e todo um hemisfério sul que paga muito pior. Se eles conseguem entrar na Europa via Portugal, parece-me bastante racional que continuem a chegar.